

## COMUNIDADE DE POUSO ALTO: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO<sup>1</sup>

Maria Madalena da S. LEBRÃO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo<sup>3</sup> é revelar, em primeira instância, as riquezas socioculturais e sociolingüísticas de regiões rurais sul-mato-grossenses, neste caso as de *Pouso Alto*, bem como verificar quais os fenômenos lingüísticos de ordem fonética, lexical e morfossintática mais incidentes na comunidade, quantificando-os com vistas a constatar se a variação lingüística, na comunidade, é mais ocorrente que a construção regular, no momento da atualização da língua falada.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sociolingüística; comunidade; variação.*

**ABSTRACT:** The objective of this article is to reveal, in first instance, the sociocultural wealth and sociolinguistics of rural areas *sul-mato-grossenses*, in this case the one of *Pouso Alto*, as well as to verify which the linguistics phenomenons of phonetic order, lexical and more incident morphological in the community, quantifying them with views to be evidenced the linguistic variation, in the community, is more occurrence than the regular construction, in the moment of the modernization of the spoken language.

**KEYWORDS:** *Sociolinguistic; community; variation.*

### 0. INTRODUÇÃO

Vários são os fatores que propiciam o processo da variação lingüística. Podemos percebê-los ao participar de alguma situação de fala, quando interagimos com as pessoas e, por sermos influenciados no momento dessa interação, tomamos consciência de que “a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada”, conforme advoga Tarallo (1995: 6).

Desta forma, mesmo sendo a palavra uma entidade fonético-psicológico-social — mero sinal de convenção — cuja existência não reside na própria natureza das coisas, mas na mente humana, enquanto é um hábito psicológico de simbolização, claro está que temos na sociedade as causas principais e determinantes das variações de seu significado.

---

<sup>1</sup> À fundação *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES)*, o meu agradecimento pelo apoio financeiro e periódico acompanhamento.

<sup>2</sup> Mestra em Letras, pela UFMS, do *campus* de Três Lagoas e docente substituta. [mlebrao@ibest.com.br](mailto:mlebrao@ibest.com.br)

<sup>3</sup> Este artigo foi escrito a partir da dissertação de mestrado de: LEBRÃO, Maria Madalena da Silva. *Comunidade de Pouso Alto: um estudo sociolingüístico*. Três Lagoas, 2004.

No entanto, este fundamento psicológico, por um lado, não é a causa eficiente das alterações semânticas. Não é a condição psíquica do homem considerado individualmente que determina as substituições, associações e restrições de símbolos, mas a sociedade.

Queremos com isto dizer que o indivíduo, sozinho, não procura todo este jogo vocabular para a expressão de suas idéias. Se o faz, é premido por princípios que regem a coletividade a que ele pertence. Portanto, a causa última e realmente eficaz da variação lingüística está posta na SOCIEDADE.

Mas a sociedade não conseguiria todos esses efeitos, se o indivíduo, por outro lado, não fosse capaz de perceber e associar tais atos psicológicos para expressar suas idéias. Na impossibilidade de dar a cada idéia, um símbolo, um sinal lingüístico, uma palavra própria, exclusiva, o que sobrecarregaria desnecessariamente a memória humana, servimo-nos do contexto, às vezes, um simples determinativo que, conservando o significado fundamental do vocábulo, acrescenta-lhe novo matiz, transformando o conjunto em outro símbolo lingüístico.

Na língua escrita, que segundo Lyons (1987: 254) “tende a ser mais altamente padronizada do que a fala dos que a utilizam”, só, raramente, podemos perceber a variação. Por isso, a Sociolingüística, ciência que embasou teoricamente a presente pesquisa, preocupa-se com o modo que a sociedade exercita as relações lingüísticas no momento da atualização da fala.

Diante disso, o presente artigo, que tem sustentação na pesquisa de cunho sociolingüístico quantitativo, cuja investigação in loco utilizou os critérios da dialetologia por meio do questionário do projeto Atlas Lingüístico do Brasil (doravante AliB), tem a inquietação de, além de alcançar todos os objetivos mencionados no resumo, responder à hipótese inicial de que haja reminiscências vocabulares de ordem fonética e lexical atípicas da região rural sul-mato-grossense, levantada pelo fato de o fundador de Pouso Alto ser de origem mineira.

Por ser a comunidade de fala o alvo principal da Sociolingüística e pressupondo que esta comunidade, em específico, traz consigo marcas lingüísticas bastantes peculiares e típicas da área rural sul-mato-grossense propomo-nos, em primeira instância, a revelar as riquezas culturais encontradas nas fazendas sul-mato-grossenses que evoluíram e alcançaram posição de destaque nos aspectos econômico e político. “O

Pouso Alto precisaria tão somente mais uns poucos anos para emancipar-se e andar com suas próprias pernas”, nos garante o autóctone, vereador Pedro do Cídio.

O nosso interesse particular em descrever a linguagem da comunidade de fala do distrito de Pouso Alto foi motivada pela reclusão de seus moradores e pelo difícil acesso ao local, o que faz supor que a linguagem conserve mais seu próprio dialeto<sup>4</sup>, ou seja, a sua própria característica lingüística.

O distrito de Pouso Alto fica a 170km dos limites de Água Clara, município a que pertence. O alvo primeiro da Sociolingüística, muitas vezes, é a fala dos grandes centros, no entanto foi justamente esse fator que gerou em nós questionamentos como, por exemplo, qual seria a influência lingüística que os líderes políticos de Água Clara ou ainda os pecuaristas que vão-e-vêm constantemente a rodeios e leilões por todo o Estado, e até mesmo fora dele, exercem sobre a linguagem particular do distrito.

A metodologia aplicada para compor o corpus que embasou este artigo, centrou-se, essencialmente, em entrevistas gravadas na residência dos informantes, em fitas magnetofônicas, que foram transcritas grafematicamente de acordo com os critérios do projeto NURC (Norma Urbana Culta) de São Paulo, com as devidas adaptações.

A entrevista local ocorreu em julho de 2002. Passamos seis dias conhecendo as pessoas e os costumes dos moradores do “Ranha” e em cada um desses dias realizamos duas entrevistas, já que as entrevistas foram realizadas com oito informantes. Nos outros dois dias, buscamos descobrir informações que situam historicamente a comunidade, assuntos como a fundação e quais eram famílias tradicionais do Pouso Alto, as fazendas circunvizinhas, entre outros.

A seleção dos informantes priorizou a escolha dos desbravadores do local, bem como suas esposas e filhos, somando quatro homens e quatro mulheres, resultando num total de oito informantes, conforme fora dito. Para cada grupo de informantes adotou-se um com a faixa etária menor estabelecida pelo questionário aplicado — 18 a 35 anos.

Os demais informantes possuem a média maior de idade, que varia entre 50 e 65 anos, com a exceção de dois deles que apresentam mais idade, pois, no intuito de realizar a investigação com os moradores mais antigos do local, intencionando alcançar

---

<sup>4</sup> Segundo Mattoso Câmara, *Dialeto* são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais.

resultados mais fidedignos às primeiras manifestações lingüísticas, advindas de seus desbravadores, a pesquisa adotou o critério de incluir uma média maior de idade.

Priorizamos, fundamentalmente, nessa escolha, as exigências estabelecidas pelo AliB quanto aos informantes, como apresentar qualidades fônicas adequadas assim como ter nascido no local, com pais nascidos ali, ou na Região do Cangalha, excetuando um dos informantes do sexo masculino, que é filho do fundador do Pouso Alto, já que a origem do fundador é mineira.

Conforme propõem os idealizadores do AliB, estratificaram-se também para a seleção dos informantes as variáveis extralingüísticas sexo, faixa etária, classe social e escolaridade. Todos os informantes selecionados nasceram na comunidade e possuem pais nascidos também na região, menos o filho do fundador do local — o senhor Urbano. Priorizamos, ainda, que os informantes não tivessem se ausentado da comunidade por muito tempo e, no caso de serem casados, o cônjuge dos informantes deveria ter nascido também ali.

Para estabelecer as diferenças lingüísticas, por meio da variável classe social optamos por escolher informantes que fossem pecuaristas X peões e afins, haja vista não haver a existência de outras classes dominantes no local. E, para analisar as variações, por meio da variável escolaridade, para cada grupo de informantes (masculinos X femininos) tomamos um informante com formação primária que se enquadrasse na faixa etária menor estabelecida pelo AliB, pois, os informantes, cuja faixa etária recai sob o limite de idade maior estabelecido pelo projeto, não são alfabetizados.

Quanto à transcrição dos dados coletados, adotamos o critério de tomar para cada fenômeno lingüístico de maior relevância em cada aspecto a ser analisado — os de caráter fonético<sup>5</sup>, lexical e morfossintático — os fenômenos que registrassem mais incidência nas respostas dadas pelos informantes.

Com relação aos fenômenos de caráter lexical, adotamos o critério de analisar as palavras que mais surpreenderam por aparecerem na região do Cangalha, especificamente, na comunidade do Pouso Alto, de acordo com os campos semânticos

---

<sup>5</sup> Ateremo-nos aos metaplasmos mais relevantes, ou seja, que apresentaram maior índice de ocorrência nas atualizações lingüísticas analisadas.

determinados pelo questionário utilizado. Um exemplo disso é a expressão “rabo-de-gala” utilizada pelos moradores do Ranha para designar arco-íris.

Destarte, para cada fenômeno a ser analisado foram tomados 10% dos dados para quantificar estatisticamente os resultados. Para realização desta tarefa, adotamos a linha sociolinguística quantitativa, valendo-nos do pacote de programas do software VARBRUL versão 2001 para que, por meio de rodadas, se alcançasse os percentuais variacionais do corpus.

O recurso metodológico aplicado por meio dos programas do pacote VARBRUL/2001 tem como objetivo analisar os dados por intermédio de modelos matemáticos, dando a eles tratamento estatístico adequado sob a perspectiva da teoria da variação linguística. Cabe ao programa quantificar os dados, mediante tabelas e cruzamentos de variantes, fornecendo resultados probabilísticos.

A soma dos dados que compuseram o corpus desta dissertação resultou em 3.280 ocorrências<sup>6</sup> fazendo-se necessária a relativização alcançada por meio dos 10% que o programa VARBRUL gerou. Dos dados contidos nessa porcentagem, foram tomados, aleatoriamente, exemplos de cada fenômeno variacional para computar os dados, que neste artigo são representados por uma pequena amostragem.

A questão da variação linguística brasileira é apontada por Camacho (2001: 61) acompanhada do apelo de que “não ignoremos sua existência e de que a tomemos como alvo de exame”. Assim, de posse do conjunto formado pelos grupos de fatores linguísticos — composto pela variável dependente — e pelos fatores extralinguísticos — constituído pelas variáveis independentes como sexo, faixa etária, classe social e escolaridade — procuramos responder ao apelo do autor, buscando realizar uma análise cujo alvo de exame focasse a variação.

Concernente ao posicionamento de Camacho, o antropólogo e político Darcy Ribeiro (1995: 214) já discorria acerca da preponderância do fator sociocultural [que está englobado nos fatores extralinguísticos] que “distancia as pessoas não somente quanto às suas origens internas dentro de uma nação, mas que também as separa por causa das mediações entre povos distintos”.

---

<sup>6</sup> Destas 3.280 ocorrências, 1.272 são relativas às ocorrências fonéticas; 1.616 relativas às ocorrências lexicais e 392 relativas às ocorrências morfossintáticas.

Ao observar a massa popular de aglomerados brasileiros, onde predomina um ou outro estrato social, Ribeiro (1995: 215) afirma que:

Dada a diversidade de situações regionais, de prosperidade e de pobreza, o simples traslado de um trabalhador, que vá de uma região a outra, pode representar uma ascensão substancial, se ele consegue incorporar-se a um núcleo mais próspero.

Evidentemente, a intenção maior a que o autor pretende centrar-se é a da questão sócio-econômica e cultural. Todavia, muito vale a colocação do antropólogo já que nessas questões se refletem os fatores variacionais da linguagem, pois conforme afirmam Leite & Callou (2002:07) “é na linguagem se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade”.

Segundo as autoras, ainda nessa referência:

(...) a linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o locutor é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado. E, por ser um parâmetro que permite classificar o indivíduo de acordo com sua nacionalidade e naturalidade, sua condição econômica ou social e seu grau de instrução, é freqüentemente usado para discriminar e estigmatizar o falante.

Assim, esperamos concluir esta pesquisa, certos de que, como advogam LEITE & CALLOU, a fala tem mesmo um caráter emblemático, que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, alemão ou holandês, americano ou inglês e, mais ainda, sendo brasileiro, se é nordestino, sulista ou carioca. E porque não dizer, se pecuarista ou peão que cuida cada qual de seus interesses nas fazendas da comunidade de Pouso Alto.

## 1. A Cultura de Pouso Alto

O Pouso Alto<sup>7</sup> é um distrito sul-mato-grossense pertencente ao município de Água Clara e possui 55 pessoas adultas, que somadas às crianças e aos moradores das 12 fazendas circunvizinhas [Beatriz, Cachoeira, Fazendinha, Carro Velho, Tigre, Estela II,

---

<sup>7</sup> Conquanto o Pouso Alto seja um distrito de Água Clara, dista 90k do município a que pertence.

Alvorada, Olho d'água, Quebra Pedro, Alto do Angical, Monte Alegre e Pedra Branca] formam a Região do Cangalha, cujo número oficial de habitantes resulta em seiscentos.

O Ranha — alcunha dada ao local pelos moradores do distrito — foi fundado em meados de 1924, quando Juscelino Ferreira Guimarães (tabelião de Pouso Alto do estado de Minas Gerais) requereu junto a este Estado, que até então era o de Mato Grosso, a posse das terras da região do Rio Gangalha, situada ao norte de Água Clara, com a finalidade de torná-las num patrimônio, haja vista que o Estado, na época, doava terras para este fim.

De posse das terras, o tabelião atribuiu o nome de Pouso Alto ao local por admiração à sua terra natal mineira e porque, coincidentemente, havia nos hectares que o Estado lhe concedera, um córrego chamado Pouso Alto. Hoje, este córrego forma uma bica d'água na fazenda que lhe pertenceu e que recebeu, por este fato, o nome de Pouso Alto.

A fazenda de Pouso Alto, depois de inaugurada, só se tornou distrito oficial do município de Água Clara em oito de fevereiro de 1953. Até novembro de 1998, o Pouso Alto era formado por 25 casas de palha, pau-a-pique ou sapê, com chão barreado, e com costumes bastante rudimentares, que ao longo destes 80 anos, foram lenta e curiosamente alterados: o horário da alvorada que ocorria às 2h da madrugada, com o objetivo de moer a cana-de-açúcar de onde extraíam melado para adoçar os alimentos e o leite servidos no café-da-manhã, passou para as 5h, alterando, conseqüentemente, o horário das demais refeições; as crianças, ainda hoje, se escondem à chegada de pessoas estranhas; alguns filhos recebem após o seu primeiro nome o nome do pai como alcunha, assim se o filho é Pedro e o pai é Cídio, o filho passa a ser chamado de Pedro do Cídio, provavelmente para diferir dos outros “Pedros” do local.

A economia local, que era baseada na agricultura e pesca — os seus desbravadores, Juscelino e Tião Paulo (fazendeiros), e alguns poucos peões contratados por eles, plantavam cana-de-açúcar e demais alimentos regionais [como o caxi/mugango (abóbora), mandioca, laranja, entre outros] — passou a sustentar-se da pecuária, que mantém, ainda, costumes rudimentares dos primórdios, como transportar o gado comercializado tocando a boiada pela estrada afora.

Como em qualquer outro lugar, o Ranha não poderia ser diferente quanto às crendices populares. Alguns de seus moradores mais antigos afirmam já ter visto a

Mãe-de-Ouro: uma luz que, à noite, entra nas casas e corre nos pastos, ora atrás das pessoas, ora a esmo. Os habitantes do distrito acreditam que onde ela aparece existe algum tesouro escondido. E alertam: “se a pessoa não acreditar que ela existe, ela com certeza aparecerá e correrá atrás do incrédulo”.

O fascínio pelo Pouso Alto não entorpece o pesquisador apenas no momento em que seus olhos vislumbram o todo panorâmico de sua paisagem agreste esculpida pelos dedos do Criador, nem tampouco pelo fato de, ao final da tarde, todo ele ser, lentamente, consumido pela negritude da noite que se aproxima rápida e quieta (pois, ao piscar de olhos, já não se vê mais nada claramente, a não ser pelas sombras que o contornam), mas também pelos fenômenos e variações lingüísticas que fazem dele um lugar incitante por completo.

Os procedimentos metodológicos aplicados à investigação desses fenômenos e variações lingüísticas seguem, respectivamente, aos recursos subseqüentes: a coleta dos dados que compuseram o corpus foi realizada in loco, por meio do questionário do projeto do AliB, cujas respostas foram gravadas em fitas magnetofônicas e, posteriormente, transcritas, grafematicamente, de acordo com os critérios do projeto NURC (com as devidas adaptações) e, por último, foram quantificadas a partir do conjunto de pacotes do software VARBRUL/01.

De posse da apresentação cultural do distrito de Pouso Alto, lancemos mão, pois, sem mais delongas, dos demais objetivos deste artigo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. A Complexidade da Variação Lingüística

Conforme vimos na introdução, o indivíduo conserva o significado fundamental do vocábulo, acrescentando-lhe um novo matiz, e, assim, transforma-o em outro símbolo lingüístico.

É nesse outro símbolo lingüístico [apontado por Mollica (2003: 10) como alternâncias de uso, que “são influenciadas por fatores estruturais e sociais,

caracterizando-se pelo reconhecimento da variação lingüística”] que recai a complexidade da variação lingüística.

Parkin (apud Trudgill 1995: 108) descreve, acerca da complexidade que a situação sociolingüística enfrenta devido à questão da influência que uma língua exerce sobre outra, exemplificando essa questão da variação lingüística por meio da interação social. Na pesquisa de Parkin, deparamo-nos com a realidade lingüística de Kampala, capital de Uganda. Por haver ali muitos grupos étnicos vivendo juntos, a situação sociolingüística torna-se muito complexa, pois a população de Kampala é formada por grupos nativos indígenas e outros advindos do Kenya, Sudão e Zaire.

Por ser um país multilingüe, uma vasta gama dialetal entre os seus falantes fora gerada. Essa realidade é vivida também em outros países que enfrentam a mesma situação, como é o caso do Paraguai aqui na América. Trudgill (1995: 109) aponta um fato como esse como a primeira probabilidade para justificar a questão da complexidade sociolingüística vivida por países assim.

A mesma complexidade é também percebida (evidentemente em escala bem menor) na comunidade de Pouso Alto, pois ainda que não haja diferenças dialetais entre os seus cento e poucos moradores, há uma interação social dinâmica e contínua entre os seiscentos transeuntes da região do Cangalha que circulam pelo distrito.

Para Trudgill essa “mistura lingüística” é vista como uma outra possível causa de complexidade que a sociolingüística enfrenta, cujas conseqüências recaem sob a variação; causa decorrente da interação social, pois como nos mostra o autor (1995:107):

Language mixing, as we can call this rapid switching, also has the effect, as the British sóciolingüista Le Page has pointed out, of enabling a speaker to signal two identities at once. For example, Chinese students at the University of Hong Kong often speak a dense mixture of English and Cantonese<sup>8</sup>.

Como mostra a citação, a mesma realidade lingüística é também vivida pelos acadêmicos chineses de Hong Kong que, para exercitar a fala, se vêem envoltos em uma densa mistura de inglês e cantonês. Nesse caso específico a situação é puramente

---

<sup>8</sup> A *mistura* lingüística, como nós podemos chamar esta rápida mudança, também tem o efeito, como a *La Page* britânica sóciolingüista tem apontado a respeito, de capacitar o falante a identificar os sinais por si. Por exemplo: os estudantes chineses da universidade de Hong Kong freqüentemente falam uma *mistura* de inglês e cantonês.

cultural, pois se eles falarem somente o Inglês contrariam a sua comunidade de fala, já que a língua em ação é o cantonês.

Por sua vez, se eles falarem somente o cantonês estarão desrespeitando o contexto social da academia a que pertencem. Falando as duas línguas lhes sobrevirão ao mesmo tempo duplos problemas com relação à complexidade abordada por Trudgill.

Isso indica, conforme nos mostra Trudgill (1995: 110), que a Sociolinguística tem olhado entre outras coisas para a questão de que o parentesco entre as línguas pode ser usado para induzir, por meio da manipulação, à variação linguística e para concluir uma meta particular.

Faz-se necessário ressaltar, nesse momento, a fidelidade a certas variações linguísticas, pronunciadas pelos moradores do Pouso Alto. Vocábulos como [ka'xi] e [mu'gango] por exemplo, são utilizados na comunidade no momento de interação social entre eles e, quando muito, ao comercializarem o produto com os moradores da região do Cangalha. Porém, eles falam [a'bóbora] quando interagem com pessoas que não são da região.

Toda essa complexidade concernente à variação linguística se agrava ainda mais sob o prisma de Fiorin (2002: 127-128) de que “a variação pode chegar até o nível do indivíduo”. A língua fica, assim, dotada de indissociáveis variações em seu uso. A grande questão é: como descrever sistematicamente os fenômenos da variação? Há realmente necessidade de fazê-lo? É comprobatória a eficácia de se quantificar as variações? Por meio de que método?

No intuito de quantificar estatisticamente os fenômenos da variação linguística que compõem o aspecto central da sociolinguística e de comprovar a cientificidade dos dados, Labov (1972-1978) elaborou e experimentou o modelo teórico-metodológico quantitativo, para analisar e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

2.2. Os Valores Quantitativos gerados pelo método de análise quantitativo  
VARBRUL/01

A questão da variação lingüística brasileira é apontada por Camacho (2001: 61) acompanhada do apelo de que “não ignoremos sua existência e de que a tomemos como alvo de exame”. Destarte, após os primeiros resultados desta pesquisa, contabilizados pelo VARBRUL/01<sup>9</sup> e ao analisar as primeiras tabelas oferecidas pelo programa, geradas pelo Cross Tabulation, percebemos que os percentuais indicavam como os fenômenos lingüísticos, de ordem fonética, mais incidentes na língua falada pelos moradores do Pouso Alto, a Síncope (supressão de fonemas no meio da palavra, como em ['arvri], [a'bobra], ['fosfru], ['porvra], ['corgu], entre outras), a Paragoge após /z/, /r/ e /l/ (acrécimo de fonemas no final da palavra, como em ['luize], ['soli], [ca'lori], ['paize], entre outras), o Rotacismo (troca medial ou final de l > r, como em ['crara], ['pranta], ['praca], [sor'dadu], entre outros exemplos), a Iotização (troca do lh > i, como em [a'beia], [trabai'a], [ju'ei], [or'vaiu], entre outros exemplos) e a Epêntese (acrécimo de fonemas no meio da palavra, como em [oror'valhu], [e'letricu], ['ulteru], [adevo'gadu], entre outras).

É de vital importância para este momento, situarmos o leitor no que tange aos fatores extralingüísticos elencados para a realização da investigação. O questionário foi aplicado a oito informantes, a saber, quatro informantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Portanto, como já notamos, uma das variáveis extralingüísticas adotadas foi a variável sexo. As demais, que foram outras três, incluíram as variáveis faixa etária (informantes de 18 a 35 anos e de 50 a 65), classe social (pecuaristas e peões/afins) e escolaridade (alfabetizados [primário completo] e não-alfabetizados).

Ao analisarmos o gráfico seguinte, verificamos que os índices percentuais referentes à variação fonética existente na fala dos moradores do distrito, com especificidade na síncope, alcançam o primeiro lugar variacional no quadro geral, pois, como se pode ver, houve 92% de variação lingüística entre os informantes de sexo masculino. Por meio deste resultado, oferecido pelo programa, constatamos que houve apenas 8% de construção regular entre os informantes deste sexo, no momento da atualização da língua falada.

---

<sup>9</sup> O software VARBRUL/01 é formado por um pacote de programas, que contabiliza os dados a que se pretende analisar. A primeira etapa de análise é oferecida pelo programa *Cross Tabulation*; a segunda, pelo *Binominal, Up & Down*; a terceira, e última, pelo *Binominal, 1 Level*. Neste artigo, apresentaremos somente os resultados referentes à primeira etapa de análise, com o intuito de cumprir aos objetivos propostos.

Ainda com relação à síncope, verificamos, também, que houve um percentual maior de variação entre os informantes de faixa etária maior, ou seja, entre os que possuem idade equivalente a 50 e 65 anos; quanto à classe social, a variação incidu mais entre os pecuaristas e, finalmente, quanto ao último fator extralingüístico elencado (o da variável escolaridade), a variação lingüística apresentou-se maior entre os informantes não alfabetizados.

Ao observarmos atentamente o gráfico abaixo, notamos que, não somente no que tange à síncope, o percentual de variação foi maior que o da construção regular, mas também com relação aos outros quatro fenômenos fonéticos analisados, pois em todos eles e em todos os fatores extralingüísticos, o valor percentual equivalente à variação lingüística alcançou um índice maior que 52%, nos levando a perceber que a construção regular foi inferior a este resultado.

**Gráfico 1 – Resultados gerais dos percentuais de variação dos fenômenos fonéticos com relação a cada fator extralingüístico selecionado para as análises.**

ASPECTO FONÉTICO	FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS							
	SEXO		FAIXA ETÁRIA		CLASSE SOCIAL		ESCOLARIDADE	
	Homem	Mulher	18/35	50/65	Pecuaristas	Peões/afins	Primário	Ø escola
SÍNCOPE [ˈarvri]	92%	74%	69%	87%	86%	81%	69%	87%
PARAGOGE [ˈluizi]	68%	68%	57%	71%	86%	57%	57%	71%
ROTACISMO [biciˈcreta]□	56%	53%	62%	52%	67%	52%	62%	52%
IOTIZAÇÃO [muiˈe]	64%	64%	64%	64%	57%	69%	64%	64%
EPÊNTESE [eˈleltricu]	80%	79%	80%	79%	71%	84%	80%	79%

Quanto aos fenômenos lingüísticos de ordem morfossintática, os resultados apontaram, com percentuais indicativos de maior ocorrência, para o uso do Artigo diante de antropônimos, para o uso do Pronome eu X a gente na conjugação do presente do indicativo, a Flexão de número na relação determinante X sintagma nominal, o

Enfraquecimento do futuro do presente e a presença X ausência no uso do advérbio de negação.

De igual modo, os índices percentuais referentes aos fenômenos de ordem morfossintática, oferecidos pelo programa, também apontaram como relevantes os resultados correspondentes à variação lingüística. Vejamos que, no gráfico abaixo, os valores percentuais ultrapassaram os 55%. O fenômeno morfossintático, apontado pelo programa, com o maior índice de variação foi a Presença X Ausência no uso de advérbio negação, alcançando 100% de variação, tanto com relação à variação sexo, quanto com relação à variação classe social.

**Gráfico 2 – Resultados gerais dos percentuais de variação morfossintática com relação a cada fator extralingüístico selecionado para as análises.**

ASPECTO MORFOSSINTÁTICO	FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS							
	SEXO		FAIXA ETÁRIA		CLASSE SOCIAL		ESCOLARIDADE	
	Homem	Mulher	18/35	50/65	Pecuaristas	Peões/afins	Primário	Ø escola
Artigo diante de antropônimos	75%	80%	89%	74%	75%	74%	89%	74%
Pronome <i>eu</i> X <i>a gente</i> na conjugação do P. I.	85%	71%	67%	82%	73%	82%	62%	83%
Flexão de número na relação <u>D</u> X <u>S.N.</u>	82%	55%	60%	71%	88%	57%	60%	71%
Enfraquecimento do futuro do presente	89%	56%	67%	75%	83%	67%	67%	75%
<u>Presença</u> X <u>Ausência</u> no uso de advérbio negação	100%	71%	67%	92%	100%	78%	67%	92%

Deixamos para mencionar os percentuais lexicais por último já que, com relação às ocorrências dessa ordem, o índice variacional apresentado foi o que atingiu a maior escala nesta etapa de análise, tornando-se, desta maneira, o que apresentou os índices variacionais mais relevantes da comunidade pesquisada, pois ultrapassou a 58%. Assim, ao observarmos o gráfico abaixo, notamos que houve 80% de variação lingüística entre os informantes do sexo masculino da comunidade. Automaticamente, pressupõe-se que

o índice percentual de construção regular no momento da atualização da língua falada é 20.

**Gráfico 3 – Resultados gerais dos percentuais de variação lexical com relação a cada fator extralingüístico selecionado para as análises.**

ASPECTO LEXICAL		FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS					
		SEXO		FAIXA ETÁRIA		CLASSE SOCIAL	
Homem	Mulher	18/35	50/65	Pecuaristas	Peões/afins	Primário	Ø escola
80%	58%	69%	69%	78%	63%	69%	69%

### 2.3. A Relevância da Variação Semântico-lexical

Alguns vocábulos encontrados na comunidade de Pouso Alto têm relação direta com a situação histórica local, pois encontramos no distrito expressões advindas, tanto de regiões interioranas mineiras, quanto de outras regiões brasileiras. Mescladas ao laço histórico-cultural e pelos costumes da região rural tipicamente sul-mato-grossense, expressões como [paquete] ao invés de menstruação; [chuva-de-flor], ao invés de chuva de granizo; [picumã], ao invés de fuligem; [jaratataca], ao invés de gambá, entre outras expressões mineiras, particularizam, semanticamente, a fala dos moradores de Pouso Alto.

A utilização do vocabulário de uma língua ocorre — não somente pelos falantes da comunidade de Pouso Alto, mas toda a humanidade — de maneira seleta e, psíquica e subjetivamente, apropriada para cada situação e contexto. Assim, jamais, veremos um peão de rodeio utilizar o vocabulário de um industrial (ou vice-versa) com o mesmo valor semântico. Isso significa que o vocabulário está, intrinsecamente, relacionado ao significado que tem e exerce em dada comunidade.

Com relação ao vocabulário de Pouso Alto, muitas expressões se perpetuaram ao longo dos quase 100 anos de sua fundação. Para que levantássemos o vocabulário utilizado pelos moradores da comunidade, bem como para que analisássemos o valor

semântico que cada um tem no contexto cultural vivido pelos informantes do distrito, consideramos os 14 campos semânticos encontrados no AliB [acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana], dos quais, os referentes ao campo astros e tempo e corpo humano, forneceram maior percentual de variação no momento em que o programa quantifica os dados.

Expressões como caxi/mugango [abóbora], ribeirão [córrego], barra/grota [foz], rebojo [redemoinho (de água)], corredeira [onda (de rio)], rabo-de-gala [arco-íris], chuva mansa [chuva forte], barra do dia/clariar do dia/amanhecer do dia [amanhecer], escurecer do dia/boca-da-noite [anoitecer], trovadinha [alvorada], estrela guia/estrela d'oeste [estrela-da-manhã/estrela-d'alva], sapel [estrela cadente/zelação/estrela filante], caminho-de-Cristo [via Láctea/caminho de Santiago], sião [cangalha/forquilha], agandi [borrego (do nascer até...)], trilheiro [trilho/caminho/vereda/trilha], beijinha [beija-flor/colibri], loro [papagaio], pitoco [cotó], beronha [mosca varejeira], velida [catarata], gengibre [banguela/desdentado], cateto [meleca/tatu], cangote [nuca], gaieiro [cheiro nas axilas], garrão/canela [tornozelo], veaco/seguro [pessoa sovina], capanga/jagunço [assassino pago], birola [bolinha de gude], pasta doce [geléia], ansiado [empanturrado] e pedestre [calçada/passeio], entre outras, dão relevância semântica aos vocábulos encontrados na comunidade de Pouso Alto.

### 3. CONCLUSÕES

Cumpridos os objetivos propostos a serem alcançados neste artigo, constatamos que, de modo geral, a incidência de variação lingüística na comunidade de Pouso Alto foi bem maior que a da construção regular, em todos os aspectos analisados.

Ao que respeita aos fenômenos fonéticos, vimos que os percentuais de variação foram maiores entre os informantes do sexo masculino, o que comprova a afirmativa de Paiva (2003: 41) quando diz que, por uma questão cultural, “a mulher tende mais à construção regular, que é mais condizente com a sua condição feminina”. Nos outros dois aspectos analisados, os de cunho morfossintático e lexical, ocorre o mesmo, ou

seja, a variação lingüística alcançou maiores percentuais, também, entre os informantes de sexo masculino.

Quanto à variável faixa etária, os percentuais de variação ocorreram mais entre os informantes de idade equivalente a 50 e 65 anos, com raríssimas exceções, como foi o caso do uso do artigo diante de antropônimos. Nesta variável, deparamo-nos com os primeiros resultados atípicos com relação aos resultados apresentados em diversas pesquisas no meio científico, pois conforme advoga Mollica (2003: 44), “muitos falantes, que possuem uma faixa etária maior, ou seja, os falantes mais velhos, preferem usar as formas mais antigas, no ato da fala”, o que não ocorreu na comunidade.

Uma outra questão curiosa é a que se refere aos resultados concernentes à variável classe social. Segundo Bagno (2003: 143), “quanto mais subimos na escala social as variedades mais estigmatizadas deixam de aparecer”, ou seja, a partir desta asserção as variações lingüísticas tendem a diminuir para dar espaço à construção regular.

Em Pouso Alto esta situação é divergente, possivelmente, devido ao fato de os moradores mais antigos da região que foram elencados para a investigação, não serem alfabetizados e, ainda, ao fato de interagirem, diariamente, com os peões, informantes mais novos, que lhe são subordinados, e que em sua maioria possuíam um certo grau de escolaridade. Os resultados percentuais apresentados pelo programa, com relação aos aspectos analisados, nos dão margem para constatar a veracidade desta hipótese, pois nos dois primeiros aspectos [os de cunho fonético e os de morfossintaxe], houve um empate de percentual na variação encontrada entre os informantes, no momento da atualização da língua falada.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAGNO, M. *A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

CAMACHO, R. G. *O que é sociolingüística?* Parte I. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. (orgs). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.



Comitê Nacional do Projeto AliB (Brasil). *Atlas lingüístico do Brasil: questionário 2001/Comitê Nacional do projeto AliB* – Londrina: Ed. UEL, 2001.

Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores/versão 2001 – UFRJ.

FIORIN, J. L. *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, W. *Field methods used by the project on linguistic change & variation*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972-1978.

LEITE, Y. & CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

MATTOSO CÂMARA JR, J. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Ed. Vozes – 16ª edição, 1992.

MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, D. & URBANO, H. (orgs.). *Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP): a linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. III. São Paulo: Fapesp, 1995.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1995.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Cambridge: New edition, 1995.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.